

**FUTEBOL E TELEVISÃO: FECEM OS PORTÕES  
LIGEM AS CÂMERAS - O SHOW VAI COMEÇAR!  
SOCCER AND TELEVISION: CLOSE THE GATES TURN ON  
THE CAMERAS - THE SHOW GOES TO START!**

Ms. Thiago de Aragão Escher  
Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis  
Faculdade de Educação Física/UNICAMP

**Resumo**

A intenção deste artigo é discutir a tendência da virtualização na assistência das partidas de futebol, pelo exemplo das punições dadas aos torcedores, com partidas com portões fechados porém abertos às câmeras de TV. Como a venda de ingressos não é mais a principal fonte de renda dos clubes, e sim as cotas provenientes das transmissões televisivas, os estádios se mantêm de forma decadente, não observando seus espectadores como possíveis consumidores do espetáculo futebolístico. Enquanto isso, novas formas de telespetacularização são criadas, valorizando as transmissões pela TV que parecem se sobrepor à assistência aos jogos no estádio.

**Palavras-Chave:** Futebol; Televisão; Virtualização.

O objetivo deste artigo é discutir as novas tendências do futebol espetáculo no Brasil, com sua preocupação quase que exclusiva com as transmissões televisivas (telespetáculo), e o seu descaso com os torcedores frequentadores dos estádios de futebol.

Parece que há uma nova tendência no mundo do futebol atual, tanto nos países europeus quanto principalmente no Brasil, de termos partidas de futebol com portões fechados, sem a presença de público, somente através das câmeras televisivas, como forma de punição por desordens dentro do estádio, tais como invasões de campo e o lançamento de objetos para dentro dos campos de jogo. Betti (1998) falando de como a televisão trata da violência no futebol brasileiro, referindo-se ao caso da “guerra do Pacaembu”<sup>1</sup>, diz com tom de estupefação que “até mesmo o fechamento dos estádios ao público e a transmissão exclusiva das partidas pela televisão chegou a ser proposta”. Pois bem, isso de fato ocorreu e já se torna corriqueiro no Campeonato Brasileiro de 2005.

---

<sup>1</sup> Conflito entre torcedores do Palmeiras e do São Paulo, no estádio do Pacaembu em São Paulo, na final do Campeonato de Juniores, no dia 20 de agosto de 1995, com portões abertos para os torcedores, havendo muitos feridos e uma morte.

A intenção é considerar essa tendência não como algo isolado dentro do futebol, mas sim acompanhando as modificações desse esporte, com sua crescente virtualização e sua transformação em esporte telespetáculo.

Betti (1998) fala da relação simbiótica entre TV e esporte, com uma dependendo da outra, mas o que verificamos atualmente é uma total submissão do futebol aos interesses comerciais da televisão. Como esta é a principal fonte de renda para os clubes, por meio das cotas televisivas, o futebol acaba subordinando-se aos interesses da “telinha”. Os jogos são marcados conforme o interesse das emissoras, os campeonatos são feitos para alimentar uma cultura de assistência esportiva televisiva e até nas escalações dos times de futebol as emissoras parecem se intrometer.

Em trabalho anterior (ESCHER, 2004) verificamos o descaso dos organizadores do espetáculo futebolístico com os torcedores que vão ao estádio. Como a venda de ingresso não é atualmente a principal fonte de renda dos clubes, os dirigentes parecem não se importar com a presença dos torcedores, mantendo, assim, o estádio em forma decadente. Os torcedores têm que enfrentar enormes filas para comprar ingresso e entrar nos estádios, os quais não possuem lugares numerados próprios nem um mínimo de conforto, as instalações são precárias e a iminência de violência parece ser sempre constante, o que contribui para que o torcedor prefira assistir o jogo dentro de casa, onde é mais seguro e muito mais confortável. “O importante é assistir” como diz uma emissora de televisão, não é mais torcer pelo time, ou então até torcer, desde que seja em casa, pela televisão.

A esfera pública é vista agora como ameaçadora, a TV mostra constantemente de forma espetacularizada a violência no futebol, é preciso então que as pessoas se protejam de todas as maneiras e como diz Rago (2000) refugiando-se num espaço interno, psicológico, afetivo, que cada vez mais se amplia com o desejo de privacidade e intimidade, encontrado facilmente numa poltrona em frente à TV.

Com a proliferação de câmeras de vigilância por toda a cidade, inclusive dentro e nos arredores do estádio, a rua que seria um espaço público torna-se um prolongamento do estúdio, ou como diz Baudrillard (1993), um prolongamento do *não-lugar* do acontecimento, do lugar virtual do acontecimento. Como a tela surge hoje

como único lugar de aparição, todo mundo corre para o estúdio/rua para figurar a todo custo na “telinha”, como os torcedores que se amontoam e correm para aparecer na TV.

É só verificar quando existe alguma reportagem fora dos estádios, como os torcedores pulam, se agitam, gritam desesperadamente, como uma forma da câmera localizá-los. A euforia demonstrada não é real, os torcedores não ficam excitados o tempo todo como demonstrado na televisão, aquilo nada mais é do que um lugar virtual, falso, em pleno espaço público como num estádio. Para Baudrillard (1993) a tela é um não-lugar e é preciso preenchê-lo, a mais alta pressão da “informação” corresponde a mais baixa pressão do acontecimento e do real.

Não há, portanto, para este autor, nenhuma pulsão irresistível de comunicação ou vontade de transparência por parte da televisão. Toda a ideologia da mídia consiste em iludir quanto ao bom uso dela, quanto a sua função positiva que responderia a uma necessidade positiva e coletiva de informação. Como se o telespetáculo esportivo fosse uma resposta às necessidades dos telespectadores, que clamam por essa forma de transmissão. Para Baudrillard (1993) tudo isso não passa de insignificâncias, pois a única pulsão irresistível é a de ocupar esse não-lugar, esse espaço vazio da representação que é, por excelência a tela.

A imagem faz parte da cultura material, da cultura humana, e como tal pode ser manipulada e dessa manipulação que é escondida na TV, deveriam surgir perguntas sobre a imagem. Mas não surgem. As imagens são aceitas como verdades únicas e são trocadas rapidamente, fugazes, não instigando o pensamento, pois não dá tempo para isso, e são absorvidas como verdades absolutas, inquestionáveis. O telespetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Ou como diz Debord (1997, p. 16-17) sobre o espetáculo que

[...] nada diz além de o que aparece é bom, o que é bom aparece. A atitude que por princípio ele exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio de aparência.

Como poderíamos analisar o movimento da partida pelo olho humano? Ele é falho, limitado, simplificado. A máquina, a câmera, esta sim seria infalível, é a certeza da verdade, é o indubitável. Ela não tira só dúvidas, ela é a verdade absoluta. Quem assiste a um jogo pela TV só sai com certezas, o gol realmente valeu, o jogador com

certeza estava impedido, a falta foi clara, as câmeras mostraram tudo, não tem como discutir.

É como se o que ocorre dentro da TV fosse o real e o que ocorre dentro do estádio, a “olho nu” fosse o virtual, o falso, o questionável, que necessita de uma averiguação e uma legitimação por meio das imagens televisivas. O torcedor sai do estádio com dúvidas sobre o impedimento, sobre o gol legítimo e com vontade de assistir aos melhores momentos da partida em casa pela TV.

Essa própria punição dos torcedores impedidos de entrarem no estádio se dá por meio da televisão. O atual STJD (Supremo Tribunal de Justiça Desportiva) julga os acontecimentos ocorridos dentro do estádio com análise das imagens televisivas. Diversos jogadores já foram punidos por causa dessas imagens, mesmo não tendo sido expulsos durante a partida. O juiz não passa de mais um objeto televisivo a ser analisado pela TV, com seus comentaristas exclusivos (!), sem a autoridade que lhe era antes conferida. Não basta mais o jogador prestar atenção no juiz, ele é observado constantemente pelas lentes televisivas infalíveis, soberanas, que estão em todos os lugares, que pegam qualquer falha, qualquer erro e acaba sendo implacável com os jogadores.

O juiz seria então um ser humano, portanto limitado, passível de erros, que não consegue perceber com a exatidão das câmeras o que ocorre dentro do campo de jogo, local supostamente comandado pelo árbitro. Supostamente porque ele está sendo vigiado pelas câmeras e qualquer falha será corrigida, porque o juiz pode falhar, mas a câmera não falha nunca, “as imagens não mentem” como diria o comentarista, ou então “as câmeras da Globo mostram todos os detalhes pra você”.

A realidade então, como diz Debord (1997) surge no espetáculo, nesse caso, no espetáculo televisivo, e o espetáculo é o real. A realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular a qual adere de forma positiva.

Para este autor, o espetáculo é atualmente a principal produção da sociedade, apesar do livro ter sido escrito em 1967 ele mantém sua contemporaneidade. Há um imenso acúmulo de espetáculos, no qual tudo que era vivido diretamente tornou-se uma mera representação. Como o jogador da televisão que vira um objeto fantasmagórico

quando aparece no real e que deve ser adorado por aparecer na TV. Os jogadores de futebol nada mais são, nas suas vidas comuns, do que representações dos sujeitos que aparecem na televisão.

O grande problema, como nos lembra Betti (1998), é que a televisão fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato direto com a realidade, como se estivesse olhando através de uma “janela de vidro”, porém antes, na fase de produção, o programa envolve considerável construção seletiva e interpretativa, havendo para Betti (1998) uma fragmentação e uma distorção do fenômeno esportivo, com análises das imagens e suas interpretações já feitas, propondo-nos um modelo de esporte e do que é ser esportista. Modelo este que não necessariamente corresponde à realidade, só existe na TV, mas sobrepõe-se ao modelo real.

Virillio (1993) fala da predominância atual da unidade de tempo sobre a do lugar do encontro, com a perspectiva do tempo real suplantando definitivamente as performances da pequena ótica da perspectiva do espaço real. Com essa suplantação do objeto de encontro, com o predomínio da velocidade instantânea, a lógica televisiva virtual sobrepõe-se ao acontecimento real, seria então o fim da realidade sensível, ou como nos diz o mesmo autor

É o fim do mundo “exterior”, o mundo inteiro torna-se subitamente endótico, um fim que expressa tanto o esquecimento da exterioridade espacial quanto da exterioridade temporal (now-future) em benefício único do instante “presente”, deste instante real das telecomunicações instantâneas. (VIRILLIO, 1953, p. 107).

Seria o fim do relevo, pois o volume não é mais a realidade das coisas, esta se dissimula na banalidade das figuras. O tamanho natural não é mais parâmetro do real, pois este último se esconde na redução das imagens da tela (VIRILLIO, 1993).

O sujeito também perde mobilidade, e o trajeto é atrofiado a ponto de se tornar inútil. Seria uma espécie de deficiência motora, resultando ao mesmo tempo na perda do corpo locomotor do passageiro, do telespectador e da perda desta terra firme, deste grande solo, terreno de aventura e de identidade do ser no mundo (VIRILLIO, 1993).

A aventura torna-se então virtual, somente por meio da televisão. A perda da identidade com o mundo real possibilita essa transformação da aventura vivenciada no campo de futebol para a aventura vivenciada pelo sedentário, de quem Virillio fala, numa poltrona em frente a TV. A tensão, que seria um dos principais fatores para a popularização, proporcionada pelo esporte, em especial do futebol que é a maior mercadoria esportiva telespetacularizada da atualidade, se dá agora via televisão.

O importante é não confundir essa transformação de aventura, com uma transposição de emoções e sentimentos, do estádio para sua casa. Não existe essa reprodução de emoções que poderiam ser sentidas no estádio pela televisão. São sensações completamente diferentes e só quem nunca foi a um estádio de futebol poderia afirmar que existe essa transposição. O que acontece é que novas sensibilidades se formam, novos gostos são construídos, que acabam substituindo as antigas formas de assistir a uma partida.

Não é intenção da TV inclusive, recriar as emoções vividas dentro do estádio para o telespectador. Apesar de demonstrar os gritos e as festas dos torcedores quando o jogo tem público, outras formas de telespetacularização são construídas, como uma narração entusiasmada, os comentários sempre precisos, os *replays* e as “super” imagens. Isso só existe para quem está em casa, assim como diversas outras experiências só são possíveis dentro do estádio. Não existe portanto, uma transposição de emoções. Você não se sente dentro do estádio assistindo uma partida pela TV.

Na verdade, o que parece acontecer é exatamente ao contrário, um processo inverso, uma tentativa de transpor emoções virtuais para dentro do estádio, com a proliferação de telões dentro do ambiente esportivo. Os novos estádios europeus, ultramodernos, já possuem telões para seus espectadores, que mesmo nesses lugares, ficam dependentes de imagens virtuais. Os torcedores assistem o real, mas legitimam esta assistência olhando para o telão.

O maior exemplo deste processo inverso pôde ser observado na abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, com toda a programação e a festa de abertura voltada exclusivamente para a TV. Quem estava no estádio só podia observar os detalhes e toda a festa de abertura se olhasse para os supertelões localizados dentro do estádio. O resto do mundo assistia com perfeição por meio da televisão. As coreografias

e as alegorias mostradas na festa eram certamente imperceptíveis para os espectadores, a não ser que olhassem diretamente para os telões.

Baudrillard (2001) também fala desse processo de virtualização da nossa sociedade, da criação de uma hiper-realidade, catastrófica, com a desaparecimento do real. Para o autor, o real está desaparecendo, não por causa da sua ausência, mas ao contrário, porque há realidade demais. O excesso de realidade é que provoca o fim da realidade, da mesma forma que o excesso de informação põe um fim na comunicação. Esse excesso de realidade é exatamente o que a televisão faz com o futebol, transmitindo-o no seu máximo, aniquilando-o aos poucos, transformando-o em um simples produto televisivo.

É a diferença que Betti (2001) nos fala entre esporte *na* mídia e esporte *da* mídia. Para este autor, a rigor só existe esporte *da* mídia, pois ela enfoca características que não necessariamente existem no esporte real. O esporte telespetáculo seria uma “realidade textual autônoma” com suas próprias características e que atualmente se sobrepõe ao esporte real. Só existe esporte *da* mídia para Betti porque esta é incapaz de abordar o esporte em sua inteireza, devido à própria natureza e limitações de cada mídia e pelo fato de cada mídia cumprir funções específicas, sempre sendo mediada pelos olhares interessados dos diversos meios.

Ainda para Baudrillard (2001), o assassinato do real seria um crime perfeito, porque não está apenas morto, ele pura e simplesmente desapareceu. No nosso mundo virtual, a questão do real, do referente, do sujeito e seu objeto, não pode mais ser apresentada. Para o autor, os acontecimentos reais não terão mais tempo de se realizar, tudo será precedido de sua realização virtual, e o processo parece ser irreversível, num sentido exponencial e cada vez mais caótico.

Voltando para a questão do futebol com portões fechados para o público e abertos para os telespectadores, essa é uma nova tendência que pode até não perdurar. Mas isso provavelmente não será pensando nos torcedores que vão aos estádios, ou na falta que eles fazem para os jogadores, ou menos ainda na possível renda que esses torcedores poderiam proporcionar, mas essa tendência só não irá se concretizar se a própria TV assim considerar. Se esta achar que a ausência de torcedores está

atrapalhando o telespetáculo (leia-se audiência televisiva) as partidas voltarão a ter torcedores.

Porém, essa nova transformação do espetáculo futebolístico pode ser mais uma demonstração de uma constante mudança de sensibilidade na fruição esportiva. Com a ausência de torcedores, outras formas são telespetacularizadas, não mais os torcedores na arquibancada, mas talvez os gritos dos jogadores, o toque na bola ou as orientações do treinador, sons que agora são possíveis de ser escutados. Muda-se novamente a estética do jogo, as câmeras são colocadas de forma diferente, não mais focalizando as arquibancadas, os jogadores ficam mais próximos e são alvos únicos da TV. Sem ter com quem comemorar os gols, os jogadores se voltam para as câmeras de televisão, homenageando quem assiste a partida em casa, pela TV.

Recentemente a Rede Globo mostrou mais uma inovação tecnológica, além das diversas câmeras espalhadas por todo o campo, ela introduziu numa partida da seleção brasileira uma câmera “voadora”, que assim ficou apelidada, pois ela flutuava sobre o gramado, acompanhando a bola, dando a impactante impressão para o telespectador que ele estava dentro de campo junto com os jogadores. Pois bem, além do fato de ela poder atrapalhar a visão dos espectadores<sup>2</sup>, a bola quase acertou, o que atrapalharia o andamento da partida. Outra recém propaganda televisiva de calçados esportivos procura o mesmo impacto. Um grande ídolo brasileiro joga a sua partida com uma legião de torcedores atrás dele que o acompanha por todo o campo. Numa falta que ele cobra os torcedores ficam atrás dele fazendo exatamente os mesmos movimentos do jogador e na hora do gol, todos vão até ele comemorar.

São experiências que a televisão proporciona que os meros espectadores não são capazes de usufruir no estádio. Sentir-se dentro de campo, perto de seus ídolos, só é possível por meio da TV, que proporciona emoções espetaculares durante uma partida.

Poderíamos pensar então que caminhamos para o fim dos torcedores nos estádios? Acharmos ainda bastante precipitada esta conclusão, apesar de acreditar que o telespetáculo, assim como a desorganização dos dirigentes, a violência e o baixo nível

---

<sup>2</sup> Outras câmeras já atrapalham a visão dos torcedores, principalmente as que ficam localizadas atrás do gol, que junto a uma espécie de guindaste, sobem e descem conforme a localização da bola, prejudicando os torcedores localizados atrás do gol.

técnico e tático das partidas com a venda cada vez mais prematura de jogadores para o exterior contribuam para a queda de público nos estádios.

A virtualização é um processo que ocorre em todos os âmbitos da sociedade, não se restringindo apenas ao esporte, porém, no futebol existe uma necessidade dos torcedores de fazerem parte do contexto do clube, a identificação dos torcedores passa pelo apoio ao clube, por se sentir importante ao mesmo, e para tanto é necessário estar junto com a equipe no estádio, não pela TV. Silva (2005) nos lembra dessa necessidade dos torcedores em fazer parte do momento histórico, de dizerem “eu estava lá”, “eu ajudei o time”. Toda a relação de notoriedade e de auto-afirmação dos torcedores não consegue se passar por meio da TV, na qual você é mais um telespectador anônimo, é dessa forma que ainda vemos estádios cheios, principalmente em finais de campeonatos, para fazerem parte desse momento junto com o clube, para ser campeão juntamente com ele.

Recentemente na final da Copa Libertadores da América entre os times São Paulo e Atlético Paranaense, torcedores passaram diversas horas de tumulto para comprar ingressos, que estavam o triplo do preço comumente apresentado, para entrar e sair do estádio, num jogo transmitido ao vivo para todo o país, e mesmo assim o estádio estava com sua máxima lotação, ficando ainda milhares de torcedores para fora do estádio. Tudo para fazer parte desse momento histórico do clube e poder se sentir como parte integrante da conquista, como alguém que contribuiu para o título e poder dizer “nós somos campeões”.

Portanto, verificamos atualmente uma tendência à telespetacularização do futebol, com um descaso dos torcedores que vão ao estádio, com a TV proporcionando emoções e sentimentos impossíveis de serem sentidos dentro do estádio e que vem sobrepondo a estas. Porém reafirmamos ainda que a dimensão afetiva do que é vivenciado dentro do estádio são emoções ímpares, vivenciadas juntamente com uma multidão de torcedores que estão lá para compartilhar essas experiências, que são muito diferentes das proporcionadas num recanto solitário em frente à televisão.

**Abstract**

The purpose of this article is to discuss the tendency that the football games assistance process are becoming virtual, through the example of the punishment given to the football fans by closing the stadiums gates but continuing the television transmission. As the Brazilian ticket is no longer the main income source of the football teams, but the quotes coming from television transmission sources, the stadiums are kept in a decadent way, not considering the stadiums spectators as possible consumers of the football show. At the same time, the creation of the new football TV shows increase the value and power of the TV transmissions which seems to place above the assistance of the games in the stadiums.

**Key-Words:** Football; Television; Virtual process.

**Referências Bibliográficas**

- BAUDRILLARD, J. Televisão/revolução: o caso Romênia. In: PARENTE, A. (Org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BETTI, M. *Janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Campinas: Papyrus, 1998.
- \_\_\_\_\_. Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência*, Florianópolis, v. 12, n. 17, p. 107-111, set. 2001.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ESCHER, T. A. *Futebol e violência: a implementação do estatuto do torcedor, um estudo de caso*. 2004. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- RAGO, M. O cassino americano, ou reflexões sobre o lazer em tempos pós-modernos, In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. *O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- SILVA, S. R. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, J. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- VIRILLIO, P. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.